

A senhora do pastoril

João Carlos *

Dona Ana Saraiva do Rosário é uma senhora de muitas vidas. Nada a ver com reencarnação, até porque, como católica-apostólica-romana, dessas que têm na parede a fotografia de João Paulo II, passa longe de conversa assim. Aos 74 anos - "ah! me disseram que o Papa tinha 70 e eu achava que era mais velha que ele!" - lamenta a doce dona "Pequenina", que com menos de um metro e meio de altura, já experimentou, no palco ou fora dele, vidas muito diferentes. Foram doze filhos, que lhe deram setenta netos e uma porção de bisnetos. Não demora muito, e com a saúde que tem, ela vai poder embalar os bisnetos de suas filhas e, quem sabe, futuras personagens das outras vidas que viveu, representando a pastorinha mais antiga de Belém e, talvez, a última.

Dona "Pequenina" a bem dizer nasceu entre as "pastoras" do Natal. Tudo que fez aconteceu em função da alegria de encenar a presença dos pastores na cena do nascimento de Nosso Senhor. O Natal foi o grande tema de sua esperança. Uma das filhas é o nascimento de Jesus diariamente em sua casa e se chama, óbvio, Natalina. É ela quem vem devagar e se instala na janela, pelo lado de fora da casa, uma construção de taipa, no meio de um terreno escondido numa passagem

do bairro do Tenoné, já chegando a Icoaraci. Lá todos sabem onde dona "Pequenina" mora, porque ela está para o Tenoné, como Waldemar Henrique estava para Belém: ninguém desconhecia seu endereço e, se alguma correspondência a ele endereçada chegava sem o endereço, os carteiros nem se preocupavam e deixavam a carta na portaria do edifício onde o maestro vivia. Com dona "Pequenina" é igualzinho. "Olhe, me diga onde mora a senhora das pastorinhas, por favor". "É ali, meu senhor", aponta uma menina. Todos os caminhos no Tenoné levam àquela casinha, onde, sentada diante da máquina de costura que já nem usa mais, porque a vista não ajuda, ainda planeja colocar em ação - ela não usa o *em ação*, diz apenas *colocar* - sua pastorinha "A Primavera".

O que para muitos parece loucura - porque a idade e as circunstâncias atrapalham tudo - para ela é o projeto mais viável do mundo. "Ano que vem, se Deus quiser, eu vou voltar com a minha pastorinha". Nesse momento ela estará com 75 anos, idade em que os bispos são obrigados a apresentar sua renúncia ao Santo Padre, e época em que muita gente, atingida pela "expulsória" do serviço público, já vestiu o pijama. "Olhe, fôlego para isso eu tenho", garante



Foto: Abdias Pinheiro

A senhora do pastoril, Dona Pequenina

* João Carlos Pereira é Professor da UNAMA e da UEPA. Jornalista e escritor. Autor de *Os Fantasmas sobem de elevador (CEJUP)*, entre outros.

essa senhora que é a história encarnada das tradições natalinas em Belém. “Se ela está dizendo que vai fazer, é porque vai mesmo”, garante seu discípulo mais fiel e amigo querido, Oséias Martins Alencar, aluno de letras, na UNAMA, a quem já confiou a responsabilidade de levar em frente seu projeto de mais de meio século. “Tudo aqui acontece porque ela, a dona ‘Pequenina’ toma a frente”, reconhece Oséias.



Foto: Ardis Pinheiro

Dona Pequenina e Oséias, o seu sucessor

Pernambuco - A primeira personagem que dona “Pequenina” botou na alma foi uma camponesa. O ano era 1933 e tudo, se não era mais fácil, era, pelo menos, mais poético. Pelas ruas de Belém circulavam bondes e a *belle époque*, da qual dona “Pequenina” jamais teve notícia, era saudade recente. O que hoje parece bem ali, e nem tem mais o nome de Bandeira Branca, era o começo do sonho. O pai de dona “pequenina”, seu Antônio do Rosário, casou-se duas vezes. Com a primeira esposa teve seis filhos. Com a segunda, 9. Ao todo eram 15 crianças em casa para alimentar e educar. Muito trabalho e grana curta. Por isso aquela miudinha, a quem seu Antônio chamava de “Pequenina” - e Pequenina ficou até hoje - só pôde estudar até a quarta série do primário. Mas tempo de Natal, a “tropa” toda entrava no bonde e viajava - literalmente viajava, já que a “viagem”

para aquelas lados da cidade era uma eternidade - até a Bandeira Branca apenas para encenar aquela cena de fim-de-ano. O palco era o já extinto Bar do Souza, que com tempo fechou suas portas e as pastoras, mais o “pastor-chefe”, seu Antônio do Rosário, foram obrigados a procurar novos campos para sua “Pastorinha”.

Caminho natural para abrigar a representação meio sagrada, meio profana, era o altar. E se foi “A Primavera” dançar na igreja do Sagrado Coração de Jesus, aquela mesma, ao lado do Hospício “Juliano Moreira”, que, depois de uma noite de chuva, desabou. A festa porém durou pouco. Padre João, vigário do “Sacre Coeur” paraense, não gostava de pastorinha e eles tiveram que ir embora. Sem a igreja, sem o Bar do Souza, sem o bonde a fazer a curva lá adiante. Em 1940, seu Antônio cansou e não quis mais *botar* as pastoras para girar. No ano seguinte, tirando forças sabe Deus de onde, (e dinheiro, também!) dona “Pequenina” encontrou um palco, num terreno baldio, na Mauriti, perto da Pedro Miranda. Lá as pastoras podiam se exibir. Bastava que fizessem inscrição. A cena era rica e com roupas de cetim mais de 40 atores faziam a alegria do bairro. Dando ritmo ao espetáculo, três músicos: um saxofonista, um pistonista e um clarinetista. Todos ganhando cachê e honrando suas contas com o que recebiam nas noites de pastorinha. O dinheiro vinha de onde? “Ah! antigamente tinha a florista que vendia rosas e margaridas. Tinha a camponesa, que se misturava entre o público e vendia flores, também. E tinha a cigana pobre, que pedia esmolas. Ela era quem mais faturava”, lembra dona “Pequenina”, que conseguia saldar parte das despesas com as roupas, usando o dinheiro que “pingava”. “Só o vestido da Rainha das Flores custa, hoje, cem reais. Fica difícil, principalmente quando não se tem o patrocínio”, reclama.

Tenoné - As idas e vindas desse mundo levaram dona “Pequenina” para o Tenoné. Lá ela tem uma casinha e o ambiente de cidade do interior. As galinhas ainda ciscam no terreno e a pata leva os patinhos para dar uma volta. A roupa lavada seca no varal em frente, pendurada num fio que atravessa o jardim. A casa precisa de reparos, mas a pastorinha é mais importante, ninguém duvida. Sem ela, aquele passado onde existiram “As Belemitas”, onde a professora e cardiologista Betina Ferro e Silva e o poeta Bruno de Menezes também *botavam* pastorinhas já teria virado fumaça do tempo.

Em 65, no meio da agitação política, ela encontram, enfim, seu cantinho. Naquela época, o Tenoné parecia mais longe que Moscou. Bem dizer um interior. Hoje está aqui, vizinho, 15 minutos do centro de Belém, em hora de trânsito bom. Tudo pertinho, tudo ali. A “Primavera” ganhava casa nova e não sabia dos problemas que viriam pela frente. Verdade que foram décadas de sossego, mas eis que, de repente,

depois de tanto dançar, as pastoras de dona “Pequenina” precisaram parar. Elas dançavam na Igreja do Tenoné. Apareceu por lá um padre, cujo nome nem é bom que apareça nessa história, porque quem faz o que ele fez não merece cartaz, e colocou a pastorinha para fora. O grupo de dona “Pequenina” foi obediente ao sacerdote e construiu - isso mesmo: construiu! - um salão paroquial, só para ter espaço para a pastorinha. O padre adorou, claro, e a paz voltou a reinar. Mas há dois anos, deixa estar, dona “Pequenina”, festeira que só ela, inventou de criar um baile de debutantes naquele salão. “Era um baile lindo! ninguém se esquece daquelas festas”, recorda, orgulhosa, a pastora. Mas o coordenador da paróquia a não gostou e, como se diz no futebol, dona “Pequenina” “tirou o time” e levou com ela a bola, os uniformes, o apito e deixou uma enorme saudade. A pastorinha não parou de acontecer, mas foi pobre que só. Afinal, faltava-lhe a alma, que atende pelo nome de Ana Saraiva do Rosário, quer-dizer, dona “Pequenina”. “Eu sou uma pessoa que não discuto. Fui criada noutro tipo”, ensina. “Quem ficou fazendo, fez tudo errado. Como as pessoas reclamaram”, diz Oséias, o discípulo e sucessor. “Em, 98, a dona “Pequenina” vai botar comigo”.

Enquanto armam a caixinha de sonhos para o ano que vem, D. “Pequenina” e Oséias vão arranjando uma maneira de driblar as dificuldades. Agora está impossível contratar músicos, então o jeito é apelar para o som mecânico e para a voz humana. O ritmo de valsa prosseguirá. As roupas serão costuradas pelos próprios brincantes, mas, se houver necessidade, dona “Pequenina” não vai se importar de mexer um pouquinho na aposentadoria que conseguiu como costureira, para comprar um botão ou uma fita amarela. “Tudo isso é feito com muito prazer”, diz ela, pronta para reunir forças e trazer de volta o elenco que se dispersou. “Muitos pais, quando souberam que a dona “Pequenina” havia se afastado da Igreja, tiraram os filhos da pastorinha”, revela Oséias, que, nos últimos dois anos, tem visto a encenação se estender por duas horas, já que, com a falta de atores, os poucos que restaram precisam de desdobrar para fazer dois personagens. “Se ela voltar, todo mundo volta”, garante.

Mas enquanto isso não acontece, quem está à frente da única pastorinha da cidade onde se canta o “Magnificat”, no momento em que Nossa Senhora vai pelo Rio Jordão, é compadre Doca, também proprietário do Boi Malhadinho. “Toda essa pastorinha eu tirei de um livro que meu pai tinha trazido de Pernambuco. Eu até hoje sei as músicas e as falas todinhas”, diz a Pastora, que fez de sua vida um instante de festa em homenagem ao menino Jesus. Em reconhecimento, Ele mesmo, Jesus Menino, deve estar acompanhando os preparativos para a volta triunfal de dona “Pequenina” e, entre ansioso e feliz, com certeza comentou com a Senhora Sant’Ana: “vovó, termine logo esse seu trabalho para nós nos sentarmos bem ali, perto daquela nuvem, de onde se vê muito bem o teatrinho da dona “Pequenina”. A Senhora Sant’Ana, avó e mestra, afasta um partitura e sorri, colocando o Menino no colo. No Tenoné, dona “Pequenina” ata a rede e vai dormir a sesta.

Os habitantes da “Primavera”

Em 1998, dona “Pequenina” vai precisar de algo mais do que entusiasmo para *colocar* sua Pastorinha. Ele terá que recrutar novos atores e fazer com que tudo volte a ser como deve ser. E para ser completa, “A Primavera” terá que trazer de volta as seguintes personagens, cujas falas, até hoje, dona “Pequenina” conhece de cor e salteado: Satanás, o corvo, Papai Noel, Jesus, Maria e José, quatro pastoras, dois anjos, uma estrela, uma pastora anunciante, uma fidalga, a Rainha das Flores, Saloia (a que colhe as flores), a camponesa, a florista, Margarida, a Libertina, a Samaritana, três pastores e uma pastora, que encenam o “Drama dos Pastores”, a Pastora Perdida, o Pastor e a Pastora Fidalga, o Pastor Guia, o galego e a galega, a borboleta pequena e doze bailarinos.

Quando “A Primavera” voltar a alegrar o Natal de Belém, o abrigo João de Deus, onde trabalham algumas amigas de dona “Pequenina” também poderá reencontrar os festejos pelo nascimento de Jesus, através dessa forma de manifestar o júbilo pela chegada do Redentor do Homem.